



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Curso de Letras – Português do Brasil como Segunda Língua 2º semestre de 2013
Projeto – Elaboração de Multimeios
Prof.^a Ana Adelina Lôpo Ramos
Data de entrega: 28 de novembro de 2013

Projeto pedagógico-acadêmico: *Elaboração de material didático para estrangeiros a partir do uso do imperativo em gêneros textuais*

Danielle Cardoso Ferreira¹

Brasília
2013

¹ Matrícula 09/92577.

Sumário

1 Introdução-----	3
2 O modo imperativo	
2.1 A perspectiva tradicional, segundo Evanildo Bechara, na <i>Moderna gramática portuguesa</i> -----	4
2.2 A perspectiva linguística, segundo Marcos Bagno, na <i>Gramática pedagógica do português brasileiro</i> -----	5
3 O imperativo e os gêneros textuais	
3.1 Características gerais-----	7
3.2 A norma padrão e as realidades da fala-----	9
4 Material didático-----	13
5 Considerações finais-----	26
6 Bibliografia-----	27

1 Introdução

Este é um trabalho de natureza acadêmica, instrumento de reflexão e avaliação da disciplina *Projeto: elaboração de multimeios*, orientada pela professora Ana Adelina Lôpo Ramos, para os graduandos do curso de licenciatura em Letras — Português do Brasil como Segunda Língua, da Universidade de Brasília (UnB).

O objetivo desta ferramenta é consolidar um estudo comparativo entre a perspectiva tradicional e a linguística, no que diz respeito ao tratamento dado a temas gramaticais específicos, no caso deste estudo o modo imperativo. Foram analisados, portanto, esse modo e as diferentes abordagens que o contemplam nas esferas mencionadas, tendo como proposta final, a elaboração de um material didático adequado às realidades do aluno de PBSL. Os gêneros textuais – muito presentes no processo de aprendizagem dos alunos - foram observados em suas diversas formas, a fim ilustrar o uso do modo imperativo e aprofundar o seu estudo.

Por fim, juntamente à proposta de atividade didático-pedagógica, há uma reflexão acerca da norma padrão e das realidades da fala no contexto do ensino: complexa discussão que perpassa todo o curso de PBSL.

2 O modo imperativo

2.1 A perspectiva tradicional, segundo Evanildo Bechara, na *Moderna gramática portuguesa*

Inicialmente, deve-se destacar que o estudioso Evanildo Bechara, apesar de ter sido incluído entre os gramáticos tradicionais para os fins dessa pesquisa, tem se posicionado de maneira diferencial em contraste com outros grandes nomes da Gramática Tradicional (doravante GT), provavelmente em decorrência de sua imersão na esfera acadêmica, esta de natureza essencialmente reflexiva. As observações deste trabalho foram baseadas em sua mais atual gramática publicada, a *Moderna gramática portuguesa* (2009), que fora avaliada em seu formato eletrônico (e-book).

Ao tratar-se de Gramática Normativa, não será inédito dizer que a mesma só atribui e assume uma forma apenas enquanto adequada ao uso da língua escrita e falada. Assim sendo, Bechara trata o Imperativo sem delongas, prescrevendo e conceituando este modo verbal de maneira clara, breve e isenta de minúcias. Afirma que “com este modo, dirigimo-nos a uma ou mais pessoas, para manifestar o que queremos que ela faça, ou elas façam”. Ainda em sua prescrição, elucida e exemplifica as duas formas existentes para o imperativo: a afirmativa e a negativa.

O que não escapa da evidência quando se observa o tratamento da gramática tradicional é exatamente a fuga do contexto do falante e, de fato, a aplicabilidade - do que se ensina - no uso real da língua. Essa margem dada tão somente às regras não possibilita o conhecimento de outra alternativa senão ao ‘certo’ e ‘errado’. É nítido por parte dessa gritante normatividade o não vislumbre da união entre formal e coloquial, a não adaptabilidade entre o que é falado e o que é escrito. Outra face do modo imperativo é abordada brevemente em conjunto com as sentenças negativas. O gramático salienta que esse modo, em sua expressão negativa, importa suas marcas morfológicas do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa, que possui formas exclusivas.

2.2 A perspectiva linguística, segundo Marcos Bagno, na *Gramática pedagógica do português brasileiro*

Para dar voz aos estudos linguísticos em torno do estudo do modo imperativo e suas diferentes manifestações no português do Brasil, foi selecionado o professor Marcos Bagno, reconhecido por sua autenticidade e impetuosidade diante da postura normativa e rígida (em oposição a maleável, flexível) da GT. Bagno - em sua gramática pedagógica do português brasileiro - dá outro tratamento a esse tema: o linguístico. Para ele, a formação do imperativo apresentado em um quadro - como Bechara também mostra - pouco se efetiva, uma vez que não corresponde em nada à realidade do PB falado e escrito nos dias atuais. Para Bagno, isso não poderia ser diferente, haja vista que a Tradição Gramatical do Português é incessante na cansativa descrição dos usos de *tu*, “que no português são marcas de variação regional; e de *vós*, um índice de pessoa que não é usado em nenhum lugar do mundo onde se fala alguma língua derivada do português clássico”.

Para tanto, este autor cristaliza em sua síntese o emprego do imperativo no Português do Brasil contemporâneo: o imperativo afirmativo (fale tu/ fale você; falemos nós/ falem vocês; falai vós) e o imperativo negativo (não fales tu/ não fale você; não falemos nós; não faleis vós/ não falem vocês). Bagno se apoia em várias pesquisas (a exemplo de Scherre, 2005), para delimitar o emprego do imperativo no português do Brasil contemporâneo. Em sua síntese, não faz afirmações e nem especula sobre a forma como a língua deveria ser, mas dá sugestões quanto ao reconhecimento da riqueza da expressão do imperativo no PB, no ensino e nos materiais destinados ao ensino. Sua abordagem descritiva contextualiza a realidade da língua falada em contrapartida daquilo que é puramente descrito pela gramática tradicional, muitas vezes distante do uso real da língua e suas ocorrências.

As formas do imperativo apresentam muitas especificidades, além de serem caracterizadas por uma complexidade nem sempre presente nas gramáticas tradicionais. O modo imperativo está intimamente associado aos fatores sociais, históricos, geográficos, culturais, de gênero, identidade etc, e isso dificulta seu tratamento pela gramática tradicional.

O pronome *tu*, no Brasil, muitas vezes representa um identificador geográfico capaz de informar de onde vem o falante, uma vez que em algumas comunidades seu uso é mais intenso, enquanto em outras, o *você* possui maior distribuição. Bagno afirma

que “em muitas áreas onde se emprega o *tu*, encontramos o imperativo usado como forma do subjuntivo: venha, faça, diga, traga, deixe etc”, sendo então, perfeitamente possível encontrar enunciados como: “ Se tu ainda não *fizeste* o que pedi, *faça* agora”. No caso do imperativo negativo de *tu*, é mais comum ouvirmos: não diz, não fale, não venha, ao contrário do previsto nas gramáticas normativas (não digas, não fales, não venhas).

O modo imperativo para *nós* na língua falada se dá com o verbo *vamos* seguido de infinitivo: vamos namorar, vamos passear, vamos estudar etc. Outra questão acaba surgindo nesse cenário, que é o apagamento - em situações de menos monitoração – do “s”, sendo mais comum ouvirmos expressões como: vamo namorá (r), vamo passeá(r), vamo embora etc, representando espécies de imperativo composto. O autor ressalta que as formas mais clássicas do imperativo de *nós* aparecem em textos escritos mais monitorados, de gêneros textuais específicos como artigos, hinos, literatura religiosa etc. Sua forma negativa, do mesmo modo que ocorre com o *tu* no caso negativo, não ocorre na língua falada, restringindo-se a contextos de maior monitoração, sobretudo em gêneros textuais formais. Desta forma, é imprescindível que o professor os ensine na escola, mas sem excluir a responsabilidade de apresentar também os usos reais da língua.

Bagno insiste na desmistificação da expressão “a língua é difícil” ou “ninguém sabe falá-la corretamente”, uma vez que justifica isso pela exaustiva tentativa de manutenção do quadro tradicional da “formação do imperativo” ser pobre quando comparada à realidade dos usos.

3 O imperativo e os gêneros textuais

3.1 Características gerais

Os gêneros textuais estão intimamente ligados às funções, sejam essas cognitivas ou sociais, que permeiam o universo do aluno; e também, às diversas práticas de letramento que se manifestam a partir das mais complexas relações sociais. É praticamente impossível refletir acerca dos gêneros sem associá-los aos contextos e às práticas de letramento, uma vez que as práticas constituem atividades complementares no contexto de ensino.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, são formas de textos criados pela sociedade, que funcionam como mediadores entre o enunciador e o destinatário.” Bakhtin também estabelece uma diferença entre os gêneros primários e os secundários: (i) os primeiros são formados através das interações diárias e de forma natural, ou seja, em virtude de uma comunicação verbal mais espontânea, sobretudo na oralidade, como os bilhetes, por exemplo; (ii) se constituem em situações mais difíceis de comunicação, principalmente escrita, a exemplo dos discursos políticos, acadêmicos etc.

Nessa perspectiva, as discussões consideram o gênero textual como objeto de ensino – sendo um eixo de articulação e de progressão curricular. E, dessa forma, o texto passa a ser concebido como unidade de significação e de ensino, elemento integrador das práticas de leitura, de análise linguística e de produção textuais. Consequentemente, o gênero, como objeto de ensino e eixo de articulação e progressão curricular, visa a proporcionar ao aluno a ampliação do horizonte discursivo por abordar objetivos distintos, com sócio-histórias diversas.

Para Bakhtin (2003), alguns aspectos especificamente caracterizam o gênero, tais como o conteúdo temático, a mensagem, o estilo e os recursos, chamado por ele de linguístico-expressivos. Outros aspectos como o direcionamento (pra quem fala), com que finalidade e em que lugar também são relevantes nesse universo, constituindo elementos indissociáveis. Assim, é um papel do professor escolher qual gênero é adequado e em que nível de profundidade ele pode ser aprendido pelos seus alunos.

O letramento não se confunde com a alfabetização: (i) é mais amplo e (ii) está relacionado à decodificação de signos. De forma mais clara, um aluno pode perfeitamente não ser alfabetizado, mas ser letrado. O simples fato de reconhecer

dinheiro, bilhetes em geladeira e placas nas ruas já representam letramento. Por outro lado, também é possível encontrar pessoas alfabetizadas, mas que não possuem autonomia em várias situações. Assim, a escola não é a única detentora, já que as práticas de letramento admitem um universo muito mais complexo.

Ainda corroborando com essa ideia, os gêneros textuais e o letramento, no contexto de aprendizagem de língua estrangeira, têm se relacionado às comunidades bilíngües e se fazem presentes também em materiais didáticos. Com o advento das novas tecnologias e com as rápidas mudanças das atividades do homem, muitos gêneros textuais acabam surgindo, e outros, já existentes, se modificando. Cartas e telegramas, outrora muito comuns como gênero de correspondência, hoje foram substituídos pelos *e-mails*. As práticas sociais estão sempre mudando de acordo com as novas necessidades e realidades da era em que se vive. Para Bakhtin, esse fenômeno enraizado na dinâmica com que as atividades se desenvolvem é chamado de *heterogeneidade dos gêneros discursivos*.

Outro autor relevante nessa perspectiva sociointeracionista, é Luiz Antônio Marcuschi, grande linguista de visão cognitivista. Marcuschi, assim como Bakhtin, considera que os gêneros textuais se modificam e acabam ressurgindo a partir de algo já existente. No entanto, ele reforça a importância histórico-cultural para a criação e mudança desses textos, tanto em sua forma escrita quanto oral. Ele também faz uma diferenciação entre os gêneros textuais, o tipo textual e o domínio discursivo: (a) possuem função comunicativa e estão localizados em contextos específicos – bilhete, horóscopo, bula, receita, e-mail etc, (b) diz respeito à estrutura do texto (c) discursos que propiciam o surgimento de gêneros próprios, a exemplo do discurso religioso e político (Marcuschi, 2002, p.24).

Os gêneros textuais não se caracterizam como formas estáticas e definidas, tanto é que, quando dominamos um gênero textual, não dominamos necessariamente uma forma linguística específica, mas sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos. Outra questão diz respeito à formalidade dos gêneros. Um gênero pode não apresentar determinada propriedade, mas mesmo assim continuar sendo um gênero. Da mesma forma, os gêneros podem se misturar sem perder sua essência, a exemplo de poemas que viram propagandas, músicas que viram cartas etc.

O contexto de imersão e aprendizagem são discutidos por Krashen (1987). Muito discutidos também ao longo do curso na universidade, seus conceitos acabam sendo importantes para a compreensão da eficácia do ensino de português para

estrangeiros. Para Krashen, o contexto de imersão reflete uma mudança, um novo meio, O aprendiz está inserido em um novo meio e adquire, então, um contato mais intensivo com a nova língua, esta que possui grande importância para a comunicação e integração social. Além disso, o aprendiz está dentro de um processo de socialização, portanto há a necessidade de comunicação. Já a aprendizagem representa contextos formais de ensino-aprendizagem, estudo sistemático das estruturas da língua-alvo, processo consciente, exige e promove esforços intelectuais e capacidade dedutivo-lógico, tradicionalmente, situações artificiais de uso da língua-alvo.

Diante do exposto, a proposta do material didático presente neste trabalho é observar, através das práticas pedagógicas, como o ensino do modo imperativo para alunos de PBSL pode ser feito através de diferentes gêneros discursivos.

3.2 *A norma padrão e as realidades da fala*

Falar sobre norma padrão e as realidades da fala faz suscitar muitos conceitos também discutidos ao longo do curso de PBSL. O que ensinar aos nossos alunos estrangeiros, surdos e/ou indígenas? Como abordar determinada temática? Até que ponto o português ensinado se aproxima da realidade falada nas comunidades? Enfim, são muitos questionamentos, inúmeras hipóteses e divergências entre os pesquisadores da área. Mas, também como pesquisadores e futuros professores de PLE, torna-se relevante uma reflexão acerca deste tema.

Quando discutimos acerca da norma padrão e das realidades da fala, depois de ter cursado disciplinas como *variação linguística e história da língua portuguesa*, além de sairmos com a certeza de que não existe um consenso entre os lingüistas – o que é, em parte, muito importante para o avanço/aprofundamento dos estudos-, nos deparamos com a necessidade de compreender como se deu todo o processo de formação da língua portuguesa. É bastante comum, tanto em livros didáticos para estrangeiros quanto na própria universidade, o conceito de norma padrão e norma culta sendo utilizados indistintamente, como se fossem a mesma coisa. No entanto, é sabido que existe grande diferença: o primeiro reflete a norma prescrita nas gramáticas, enquanto o segundo está relacionado ao falar de classes sociais de maior prestígio e aos falantes escolarizados, sobretudo de nível superior. Essa falta de esclarecimento entre as normas acaba

reforçando preconceito sobre algumas variedades do português. Outro ponto importante é que a norma culta também representa uma das variedades da língua, sendo assim, é muito heterogênea e voltada para os falares populares. O que determinado grupo elege como norma, assim será. A grande discussão reside na norma escrita, que tem o papel de frear essas variações estabelecendo uma padronização a fim de que não ocorram tantas variedades, mas sim, que este padrão neutralize e uniformize os usos.

No início da colonização, com o decreto pombalino impondo o português europeu, e toda situação linguística presente, havia várias línguas indígenas, línguas gerais e também africanas, que ajudaram a fortalecer esse cenário de multilinguismo. Dante Lucchesi - referência nos estudos de formação do português no Brasil e suas variações-, denomina Transmissão Linguística Irregular a forma com a qual os africanos aprenderam a língua portuguesa. Tais resgates são importantes porque nos auxiliam, hoje, na compreensão da realidade do ensino do português.

Trazendo esse breve resgate histórico para o foco do trabalho, que é o contexto de ensino de PLE, o que é mais efetivo mostrar ao nosso aluno: o português padrão, a norma culta ou suas variações? Quando devemos abordar situações específicas da fala? A partir de que nível de competência? Em qual contexto? São perguntas que perpassam todo o nosso curso, uma vez que tal situação representa fielmente os desafios que um professor de PLE enfrenta. Muitos alunos passam anos aprendendo gramática e quando chegam ao Brasil não conseguem estabelecer nenhum tipo de comunicação. Isso se dá, na maioria das vezes, pela carência de materiais didáticos adequados às realidades e de professores preparados para apresentar-lhes a língua de forma mais completa, não apenas com regras e decorebas. A norma padrão deve sim ser apresentada aos alunos de PLE como regra, no entanto, as variações são tão importantes quanto, sobretudo no Brasil que é um país continental, multifacetado e cheio de variedades.

Outra questão que envolve esse universo do ensino de PLE se apoia no que deve ser considerado erro ou não, por parte do professor. Bagno(2001, p.26) diz que quando se trata de língua só se pode qualificar de erro aquilo que compromete a comunicação entre os interlocutores, portanto, desde que os enunciados produzidos pelos falantes sejam compreensíveis, essas formas linguísticas são perfeitamente aceitáveis, pois cumprem seu objetivo que é a comunicação eficiente entre os indivíduos.

4 Material didático

A história dos materiais didáticos de PLE no Brasil perpassa por vários períodos da história. Atualmente, podemos afirmar que o mercado ainda é bastante escasso em termos de livros didáticos de alta qualidade, e que contemplem sem distorções todas as mudanças advindas das realidades de cada contexto. No entanto, mesmo com um déficit, é importante ressaltar que alguns materiais têm se destacado e tentado acompanhar essas necessidades. Antigamente não havia uma grande preocupação em produzir materiais para estrangeiros, e o ensino era transmitido através de livros regulares. Com a internacionalização da língua portuguesa, valorização do real e crescimento econômico, o país se tornou grande atrativo e os olhares do mundo inteiro estão voltados para o Brasil nos últimos anos.

Ao longo da graduação, temos contato com vários livros de português para estrangeiros, fazemos análises, avaliamos e estudamos estratégias para melhorar a qualidade dos materiais. Algumas questões estão presentes em quase todos os livros de PLE, e na maioria das vezes, representam uma visão equivocada do autor e/ou desconhecimento sobre o assunto. Os tópicos que mais geram polêmica são os relacionados às questões culturais, pois permitem interpretações muitas vezes distorcidas e que não representam, de fato, a realidade do Brasil. Alguns autores não são brasileiros e esse também é um fator que pode aumentar as chances de ocorrerem equívocos, pois utilizam como referência comentários feitos, vídeos etc, nem sempre refletindo verdadeiramente os hábitos do brasileiro. A maioria dos livros didáticos de PLE está dividida em capítulos que contemplam atividades de gramática - geralmente mais estruturalistas e voltadas para o nível considerado padrão - , questões culturais, pronúncia e conversação, tentando sempre promover algum tipo de interação entre os alunos. Alguns materiais acompanham CDs, o que possibilita maior eficácia no aprendizado.

Muitos livros apresentam diálogos fictícios e com exercícios de preenchimento de lacunas. Os gêneros textuais presentes na maior parte dos livros didáticos para estrangeiros também são predominantemente artificiais, embora alguns consigam expressar a realidade brasileira. A carta é o gênero mais presente e aparece em todos os livros. Já os tipos textuais dissertativos e narrativos são predominantes. Em se tratando particularmente do uso do imperativo e a correlação com gêneros, então outros gêneros como anúncio, música, e-mail e cardápios também são trabalhados.

Por fim, é importante ressaltar que estamos passando por um processo de renovação. Com o aumento da procura pelo português e com o compromisso diário dos professores de PLE, a tendência é de que os materiais estejam sempre mais atualizados e reais.

MATERIAL DIDÁTICO

ATIVIDADE 1

Ao professor

Os textos multimodais abaixo servirão de aquecimento para o estudo do modo imperativo.

Para a realização da atividade, você deverá utilizar como referência as imagens selecionadas, cujo objetivo é mostrar a real função do tema gramatical tanto na fala quanto na escrita do português brasileiro.



SIGA EM FRENTE

Preserve
a natureza



1 – As imagens acima estão muito presentes no Brasil, seja através dos canais de televisão, nas ruas ou internet. Observe as imagens e em seguida discuta com a turma as seguintes questões:

- A) O que as imagens exprimem?**
- B) Qual o contexto de cada imagem?**
- C) Que sentido faz para você essas imagens?**

2 As três primeiras placas apresentam algo em comum. Marque V (verdadeiro) para as alternativas corretas e F (falso) para as alternativas erradas em relação ao que significam:

- A) () As placas representam uma ordem que deve ser seguida;**
- B) ()As placas representam uma dica que pode ser seguida ou não;**
- C) () As placas representam um pedido;**
- D) () As três placas apresentam a mesma linguagem;**

3 O verbo “curtir”, conjugado no modo imperativo na imagem abaixo (curta), pode estar presente em vários contextos diferentes no português. No caso abaixo, qual o sentido da palavra “curta”.



<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>



IMPORTANTE!

Como vocês devem ter percebido através dos exercícios, esta unidade temática tem como objetivo o estudo do modo imperativo. Agora que já conhecemos um pouco sobre esse tema, aqui vão algumas informações:

O modo verbal imperativo expressa uma ordem, um pedido ou até mesmo um conselho/dica, e seu maior objetivo é induzir o indivíduo a uma ação. Ele é bastante utilizado em anúncios e informes publicitários, mas também está presente em outros gêneros textuais, a exemplo das receitas, cartas, e-mails, bulas de remédios, etc.

A formação do modo imperativo é bastante específica e muitos alunos confundem como ocorre. O modo imperativo é formado a partir do Presente do Indicativo e do Subjuntivo, como veremos adiante a partir de um quadro demonstrativo.

O imperativo possui a forma afirmativa e a negativa. A afirmativa tem formas destinadas às segundas pessoas do singular (tu e vós), já a forma negativa deve sempre ser precedida de uma palavra negativa, como podemos observar através dos exemplos abaixo:

Exemplos do modo imperativo afirmativo: Venham todos para a cama!; Façam aqui sua inscrição.

Exemplos do modo imperativo negativo: Não faça sua comida agora!; Não grite, menino!

Observe o quadro demonstrativo abaixo:

PRONOME	IMPERATIVO AFIRMATIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
EU
TU	CORRE	NÃO CORRAS
ELE (VOCÊ)	CORRA	NÃO CORRA
NÓS	CORRAMOS	NÃO CORRAMOS
VÓS	CORREI	NÃO CORREIS
ELES	CORRAM	NÃO CORRAM

O **imperativo afirmativo** é formado a partir das formas do presente do subjuntivo. E as 2^{as} pessoas são feitas a partir das formas do presente do indicativo sem o “-s” final. Vejamos:

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
EU ESCREVA	ESCREVO	-----
TU ESCRIVAS	ESCREVES →	ESCREVE
ELE ESCREVA	ESCREVE →	ESCREVA
NÓS ESCRIVAMOS	ESCREVEMOS →	ESCREVAMOS
VÓS ESCRIVAI	ESCREVEIS →	ESCREVEI
ELES ESCRIVAM	ESCREVEM	ESCREVAM

O **imperativo negativo** é feito a partir das formas do presente do subjuntivo. Vejamos:

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
EU ESCRIVA	-----
TU ESCRIVAS →	(não) ESCRIVAS
ELE ESCRIVA →	(não) ESCRIVA
NÓS ESCRIVAMOS →	(não) ESCRIVAMOS
VÓS ESCRIVAI →	(não) ESCRIVAI
ELES ESCRIVAM →	(não) ESCRIVAM

ATIVIDADE 2

Ao professor

Os gêneros textuais são recursos indispensáveis para o ensino do modo imperativo em sala de aula. Utilize as receitas disponíveis nas atividades 2 e 3 como ponto de partida para trabalhar este tema. Inicie com uma leitura sobre a história destes alimentos, dinamizando a aula e aproveitando o espaço para trabalhar também sobre questões culturais.



Cozinhando...

Conheça o brigadeiro, um doce muito popular no Brasil. Leia o próximo texto para saber um pouco sobre a história desse docinho que é tão querido por todo mundo.

O brigadeiro, o docinho favorito das crianças, estrela das festas de aniversário e primeira opção quando resolvemos “comer algo doce” em casa, é uma invenção brasileira. Inicialmente chamado de negrinho – e chamado assim até hoje pelos gaúchos – estima-se que foi inventado na década de 20 ou 30 em São Paulo, por uma questão lógica, já que as fábricas de leite condensado e chocolate em pó estavam instaladas ali.

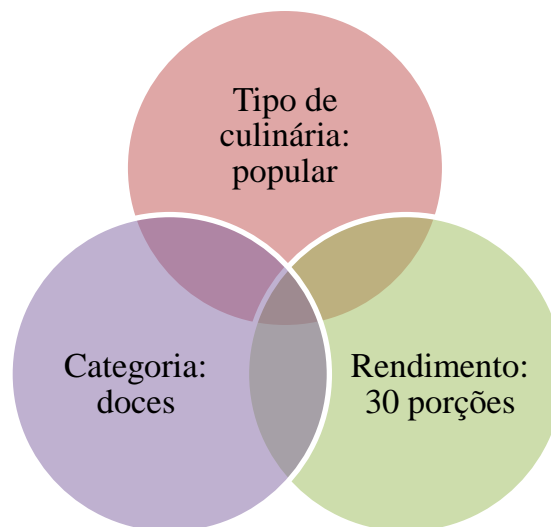
Quanto ao nome brigadeiro, a sabedoria popular conta que ele foi batizado assim em 1945, durante uma campanha eleitoral. Foi quando o Brigadeiro Eduardo Gomes disputou com Eurico Gaspar Dutra a presidência da República, sendo derrotado nas urnas. Gomes tinha o slogan “Vote no Brigadeiro, que é bonito e é solteiro” ganhando o coração das moças na época, que preparavam negrinhos em casa e os vendiam nas ruas com o nome de brigadeiro, fazendo alusão a Gomes e destinando o dinheiro da venda ao fundo de campanha. Hoje em dia temos diversas receitas de

brigadeiro. O tradicional enrolado em deliciosos “bolinhos”, como na foto; o prático brigadeiro de colher, que era a versão “feita em casa”, inclusive no micro-ondas para dar menos trabalho, enfim, a cada dia surgem novas possibilidades. Pode ser envolto em chocolate granulado, amêndoas, nozes, e recheado com morangos ou uvas.

(Adaptação feita do texto disponível no site

<http://www.mrbey.com.br/blog/index.php/historia-do-brigadeiro>)

Para você que ficou com vontade de comer um brigadeiro feito em casa, aqui vai a nossa receita:



Ingredientes

1 lata de leite condensado;
2 colheres (sopa) de chocolate em pó;
1 colher (sobremesa) de margarina;
Quanto baste de chocolate granulado.



É HORA DE EXERCITAR!

1 Vamos Preparar conjugando? Preencha no modo imperativo e descubra como o

brigadeiro é feito! _____ (Colocar) todos os ingredientes, menos o chocolate granulado, num refratário fundo e _____ (Mexer) bem. _____ (Levar) ao microondas por 3 minutos na potência alta. _____ (Retirar), _____ (Mexer) bem e depois _____ (Colocar) mais 4 minutos no microondas em potência alta. _____ (Retirar), _____ (Mexer) novamente até ficar homogêneo, _____ (Transferir) a massa obtida para um prato raso. _____ (Esperar) esfriar e _____ (Enrolar) os docinhos.

2 Vamos analisar a receita? Juntamente com outro colega, discuta as seguintes questões:

A) Qual é a ideia do texto e para qual fim ele é destinado?

B) Você já comeu brigadeiro? No seu país existe esse doce? Como é feito?

C) No texto, o que significa “ficar homogêneo”?

3 A atividade agora é substituir as palavras abaixo por sinônimos. É importante lembrar que uma mesma palavra pode possuir vários significados, por isso leia atentamente o texto, consulte um dicionário e selecione as palavras que apresentam o mesmo sentido verbal expresso no texto.

Coloque

Leve

Retire

Espere

Mexa

Transfira

4 Hora de escrever!

Essa é uma hora bem especial da nossa aula... Vamos trocar experiências culturais! Como estamos estudando o modo imperativo em algumas receitas, você deverá escrever uma receita do seu país.

Mas atenção, escolha a MELHOR receita! Faremos um concurso em nossa sala e a melhor delas ganhará um prêmio surpresa bem legal, então capriche! Escolha uma receita bem gostosa e que reflita os hábitos gastronômicos do seu país. Boa Sorte!!!



ATIVIDADE 3



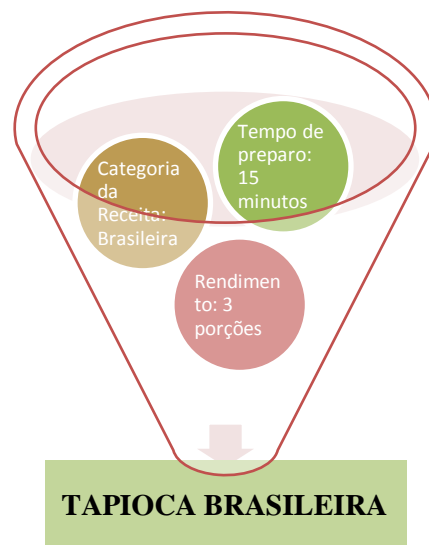
Agora você vai conhecer uma iguaria tipicamente brasileira: A TAPIOCA!

A Tapioca é o nome de uma iguaria brasileira, de origem indígena, também conhecida como polvilho de goma ou beiju. A tapioca se popularizou principalmente nas regiões norte e nordeste, fazendo parte da alimentação regional. Assemelha-se a uma panqueca ou crepe, e pode ser servida das mais diversas formas: com queijo, manteiga, chocolate, frutas, legumes, coco ralado, carne de sol etc. Hoje a tapioca é um sucesso na culinária brasileira, fazendo parte não só das refeições dos indígenas, nortistas e nordestinos, mas de todo o povo brasileiro.

Vamos Preparar?

Ingredientes: 2 xícaras de polvilho ou goma;
Água; 1 colher de chá de sal e recheio a gosto. **Dificuldade:** Média

Misture o sal com a água até dissolver bem, depois coloque o polvilho ou a goma em uma tigela e vá respingando a água aos pouquinhos até formar uma farofa úmida. Depois, passe essa farofa por uma peneira de furos meio grande, para que não fique com uma aparência feia, divida essa massa em 3 porções e espalhe em uma chapa quente ou em uma frigideira anti-aderente. Deixe assar até que a goma comece a ficar transparente, então retire e faça o mesmo processo com o restante da massa. Por fim, recheie a gosto e sirva em seguida. 😊





É HORA DE EXERCITAR!

1 Após uma leitura coletiva sobre a tapioca, resolva as seguintes questões:

- A) Você já conhecia tapioca? Existe em seu país?
- B) Como a tapioca pode ser recheada?
- C) O que significa “dificuldade média?”

2 Destaque com um “X”, dentre as palavras abaixo, aquelas que REPRESENTAM verbos no modo imperativo:

Deixe			Respingando		
Ficar		Misture	Divida	Recheie	
Coloque	Sirva	Dissolver	Espalhe	Formar	Faça

3 Relacione as alternativas que indiquem a ideia expressa nas formas:

AFIRMAÇÃO

1- “... NÃO FIQUE COM UMA APARÊNCIA FEIA”

2- “RECHEIE A GOSTO...”

3- “MISTURE O SAL COM A ÁGUA...”

NEGAÇÃO

4- “NÃO USE A FORMA FRIA...”

5- “...ESPALHE EM UMA CHAPA QUENTE”

2 Sublinhe as formas verbais do texto estudado.



3 Hora de escrever!

A tapioca combina com muita coisa, mas geralmente é servida com um delicioso cafezinho. Não importa a hora, essa combinação sempre cai bem.

Em seu país, o que as pessoas costumam comer com um bom café? Pão? Algum salgado especial? Conte-nos! Aproveite esse espaço para compartilhar sua receita. Assim, conheceremos um pouco mais sobre a cultura de seu país!



4 Complete a cruzadinha colocando os verbos indicados abaixo no modo imperativo. Siga o exemplo a seguir:

1-		I	N	I	C	I	E	(iniciar)
2-		M						(mexer)
3-		P						(apitar)
4-		E						(perder)
5-		R						(sorrir)
6-		A						(amar)
7-		T						(trocar)
8-		I						(indicar)
9-		V						(viver)
10-		O						(orar)

ATIVIDADE 4

O facebook é uma rede social bastante utilizada no mundo inteiro. No Brasil, popularizou-se após o Orkut e hoje é um importante canal de comunicação. Muitos utilizam o facebook para marcar encontros, ver notícias, protestar etc. Você já deve conhecê-lo...

Como vimos, o modo imperativo além de exprimir ordem, pode ser usado para dar conselhos e dicas!

Agora vamos ler um diálogo entre dois jovens:

The screenshot shows a Facebook chat interface. On the left is a sidebar with a search bar and a list of contacts: Dani Cardoso (17:16), Bruno Nogueira (Ter), Adair Junior (Seg, 1 novas), Yuri Aranda (Seg), Elton Bruno (Sex), and Victor Belsito (5 de novembro). The main area shows a chat with Dani Cardoso. At the top, there's a header for 'Dani Cardoso' with buttons for '+ Nova mensagem' and 'Ações'. The chat history shows a conversation with Rafael Xavier. Rafael's messages are: 'Oi, Rafaaa! Td tranquilo??? Saudadeee 😊' (17:12), 'Oi, Dani!!!! Tudo bem ctg?? Saudade!!! 😊' (17:13), 'MEN-TI-RA!!! Que legal, Dani! Não se preocupe com nd... Estarei aqui pra te dar tds as dicas que vc precisar, prima! Vc vem de férias??? Vou fazer um roteiro super especial!' (17:14), and 'Sua viagem vai ser mara!!!! Depois te mando um e-mail com algumas opções de hospedagem, comida etc, relaxa!!! Agora tenho que sair... A gente se fala depois!!! Beijjos!!! ❤️' (17:16). Dani's responses are: 'Sua viagem vai ser mara!...' (17:16) and 'Sim, estou indo de férias!!!!' (17:15).

IMPORTANTE!

Existem diferentes contextos de uso da linguagem formal e informal. Portanto, você deve se atentar quanto à adequação da fala à situação. A variação é um fenômeno que existe em todos os países. No Brasil não é diferente, e em alguns contextos é necessário utilizar uma linguagem mais formal. Já em outros contextos, a exemplo do que vimos no quadro acima, é aceitável a utilização de uma linguagem mais informal.



É HORA DE EXERCITAR!

1 Com bastante atenção, responda as seguintes questões:

A) Quem são os interlocutores do diálogo?

B) Eles têm que tipo de parentesco? Qual o objetivo da conversa entre Dani Cardoso e Rafael?

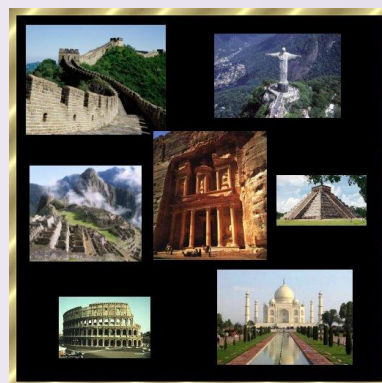
2 Dani está precisando de algumas dicas de viagem. Rafael, muito prestativo, colocou-se à disposição de Dani para ajudá-la no que for preciso. Rafael sugeriu fazer um ROTEIRO para Dani. Mas o que é um roteiro? Procure em seu dicionário o que significa roteiro e transcreva a definição para o quadro abaixo.



3 Como observamos no diálogo, a linguagem utilizada na internet é bastante reduzida/sintética e informal. Aproveite este espaço para transcrever todo o diálogo para o português padrão, a fim de torná-lo formal.

4 Hora de escrever!

Considerando que Rafael mora em Brasília, ajude-o a escrever um e-mail para Dani apresentando sugestões de lugares, pontos turísticos, comidas típicas e tudo que você considerar interessante para ela conhecer. Dê dicas e conselhos também sobre o clima de Brasília e sobre os hábitos culturais. Lembre-se que é uma viagem de férias! :)



5 Considerações Finais

Durante a elaboração deste trabalho, foi possível levantar algumas reflexões sobre a realidade do contexto de ensino de PBSL. Ao longo da graduação, temos contato com teorias e estratégias de ensino, analisamos livros didáticos de português do Brasil para estrangeiros e nos preparamos para o universo que é a sala de aula. Mas, diante das inúmeras possibilidades de manifestação do português, o que ensinar, de fato, ao estrangeiro? No caso do modo imperativo, quais formas devemos transmitir aos nossos alunos? Sabemos que, tradicionalmente, as formas gramaticais mais arcaicas são consideradas corretas, enquanto as variedades, não menos importantes, são vistas como erro. No entanto, é importante que o aluno conheça as formas mais clássicas e formais, mas sem desprezar e/ou distanciar as formas mais informais, pois, na maioria das vezes, são com estas formas que ele tem contato. Algumas formas do imperativo são extremamente literárias, já outras se encontram apenas em contextos específicos. Os gêneros textuais, também discutidos neste trabalho, além de serem ferramentas que aproximam o aluno do uso efetivo da língua, proporcionam uma análise sobre o comportamento do falante.

Portanto, conclui-se que o ensino de PBSL ainda está em processo de evolução. Foram muitas as mudanças nos últimos anos, tanto em relação à formação de professor quanto à elaboração de materiais didáticos, mas, é preciso considerar as mudanças da língua, pois só assim o português do Brasil deixará de ser mero coadjuvante e passará a protagonista do cenário linguístico.

6 Bibliografia

BAGNO, Marcos. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUCCHESI, Dante. **Norma lingüística e realidade social**. In: BAGNO, Marcos. Linguística da norma. São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.63-90

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidades. In: DIONÍSIO, Angela Paiva ET al. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: Atividades de retextualização. 2. ed. São paulo: Cortez, 2001. 133 p.

RAMOS, Ana Adelina Lôpo. **Um caminho estrangeiro na compreensão do gênero**: estratégias cognitivas em produção textual do CELPE-BRAS. 2007. Ca 100 f.1. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília.